

NOVOS DESAFIOS DA DOCÊNCIA EM LETRAS: RELAÇÕES DE GÊNERO

ANI CAMILA BARCELLOS PEREIRA¹; MARISTANI POLIDORI ZAMPERETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas – acbarcellos@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maristaniz@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Durante a graduação de Licenciatura em Letras, sempre me sentia ansiosa e instigada para saber como seriam minhas primeiras horas, sozinha, em frente de uma turma. Os estágios e a participação como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) colaboraram para que eu tivesse uma noção de como seriam meus primeiros passos na docência. Foi então que esse dia chegou: fui selecionada como professora substituta em dos campi do Instituto Federal Sul-riograndense (IFSUL). O que pude perceber, durante essa etapa da minha vida, é que lecionar vai muito além dos conteúdos programáticos; precisamos ser capazes de dialogar sobre os mais diversos assuntos com nossos alunos. Entretanto, geralmente no início não estamos aptos para dar conta da diversidade de situações: “[...] o professor iniciante vivencia a complexidade e a imprevisibilidade da realidade de sala de aula [...] (LEONE; LEITE, 2011, p.280)”.

Logo, é imprescindível que o docente busque formação para além da graduação, pois somente quando enfrentamos a realidade escolar é que percebemos de fato quais os conhecimentos necessários para atuar na nossa profissão. Além do que, “[...] a formação docente é um processo inacabado e que deve estar em constante movimento (FÉLIX, 2015, p.229)”. Pensando nisso, pude aproveitar a oportunidade de ingressar no Mestrado em Educação desta universidade, integrando a linha de pesquisa “Formação de professores, ensino, processos e práticas educativas”. E a escolha desta é porque estou em busca de formação para lidar com os desafios da carreira docente; e neste ponto, dou ênfase às abordagens das relações de gênero no ambiente escolar. Por conseguinte, para dar conta das primícias desta exploração, elaborei a seguinte pergunta de pesquisa: “Compreender qual o entendimento e de que forma experienciam, enquanto professores de Letras, as relações de gênero?”. A ideia de dialogar com outros profissionais da área se deu justamente pelo fato da minha pouca experiência, e nada mais adequado do que aprender com quem já está há mais tempo na carreira.

Para balizar o caminho a ser percorrido com esta investigação, formulei os objetivos que seguem: colaborar com a discussão sobre as relações de gênero no ambiente escolar; dar voz aos professores para que possam expor como as relações de gênero permeiam suas experiências; construir um diálogo com os colegas de área para que possamos trocar experiências; e, por fim, valorizar as experiências docentes.

Como referencial teórico preliminar, exponho as ideias de LOURO (2000) para subsidiar a pesquisa sobre as relações de gênero; segundo esta autora, as características do masculino e feminino adquirem coerência em conformidade com a cultura na qual foram incorporados. Há também a contribuição de GESSER, OLTRAMARI e PANISSON (2015), os quais comentam que a ideia que os professores da Educação Básica formulam sobre sexualidade interfere na estruturação das suas práticas pedagógicas. Ademais, JOSSO (2009) sustenta a

autoformação baseada nas histórias de vida, com o intuito de suscitar uma transformação de si, a qual passa a ser incluída na formação continuada.

2. METODOLOGIA

A proposta é elaborar entrevistas semiestruturadas com os docentes de Letras do campus do Instituto Federal Sul-riograndense que trabalhei. A metodologia que irá amparar tal pesquisa está baseada no estudo de caso, o qual possibilita averiguar de forma intensiva “um indivíduo [...] ou grupo [...] com vistas a obter generalizações a partir de uma análise abrangente do tópico de pesquisa como um todo (MOTTA-ROTH e HENDGES, 2010, p.114)”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira constatação que fiz ao entrar em contato com a temática de relações de gênero foi olhar para a minha experiência enquanto discente do curso de Letras. Ou seja, nesse período não tive oportunidade de participar de algum curso ou me inscrever em alguma disciplina em que a questão central fosse as relações de gênero ou assuntos similares. E a importância disso está no fato de que os Parâmetros Curriculares Nacionais preveem tal abordagem a partir dos “temas transversais” (BRASIL, 1998). Com isso, já analiso o quanto a falta desse tipo de conhecimento contribuiu para que eu não me sentisse segura para, por exemplo, elaborar um plano de aula em que as relações de gênero pudessem estar em evidência. Elaborar currículos de formação inicial que “[...] contemplem gênero e sexualidade como questões importantes é uma operação ética, política, pedagógica e institucional atravessada por disputas e tensionamentos. Aqui, parecem caber as seguintes questões: que professores/as queremos formar? Como organizar currículos que deem conta de abordar gênero e sexualidade? (FÉLIX, 2015, p.226)”.

Além disso, observei que os trabalhos e pesquisas são recentes e que ainda há um vasto campo a ser explorado quando o assunto é relações de gênero no espaço escolar e, principalmente, no que diz respeito à formação docente para lidar com esse assunto. Tal evidência se deu ao realizar o levantamento bibliográfico sobre as relações de gênero a partir das experiências docentes.

Ademais, acrescento que o presente estudo encontra-se em fase de elaboração, logo, estou em busca de mais entendimento teórico sobre as relações de gênero, a formação docente, e, também, uma maior compreensão sobre as experiências docentes e como elas contribuem para a formação.

4. CONCLUSÕES

Após minha primeira experiência ao lecionar, tomei consciência da imensa responsabilidade que temos, enquanto professores, de aproveitar o nosso tempo dentro do ambiente escolar para promover discussões sobre os mais diversos assuntos, incluindo as relações de gênero. Além disso, destaco que é possível incentivar os discentes a se posicionarem com argumentos bem elaborados e não apenas baseados no senso comum.

Outro fator que se torna relevante a partir dessa pesquisa é a necessidade de se promover ainda mais a temática relações de gênero, tanto no que diz respeito a ações nas escolas como, também, a partir da divulgação de mais de pesquisas e estudos sobre tal tópico.

No entanto, não se pode deixar de considerar que precisamos nos informar e buscar entender sobre qualquer assunto antes de levá-lo para uma sala de aula. Isso porque, é papel do professor ter subsídios e conhecimentos para conduzir uma questão que, atualmente, ainda gera muitos desacordos e é vista como polêmica por boa parte da sociedade.

Por fim, almejo com este trabalho criar diálogos e, essencialmente, procurar aprender com os professores da área de minha formação. Além é claro, de buscar cada vez mais conhecimentos que possam colaborar de forma positiva para a minha prática profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

FÉLIX, J. Gênero e formação docente: reflexões de uma professora. **Espaço do currículo**, UFPB, v.8, n.2, p. 223-231, 2015.

GESSER, M.; OLTRAMARI, L. C.; PANISSON, G. Docência e concepções de sexualidade na educação básica. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis/SC, v.27, n.3, p.558-568, 2015.

LEONE, N. M.; LEITE, Y. U. F. O início da carreira docente: dificuldades, preocupações e sentimentos. In: RIBEIRO, A. I. .M. (org.) [et al.] **Educação contemporânea: caminhos obstáculos e travessias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. cap.14, p. 279-297.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.) [et al.] Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, Autêntica, 2000, 2º Edição. cap.1, p.7-35.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PERES, L. M. V.; MANCINI, F. G.; OLIVEIRA, V. M. F. D. Experiências de vida e formação, de Maria-Christine Josso. Resenha. **Revista @ambienteeducação**, São Paulo, v.2, n.2, p. 152-156, agosto-dezembro. 2009.